

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 612

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 13600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25000 rs. e sendo duas 35600 rs.—Semestre 15050 rs.—Brazil, anno 35600 rs.—Semestre 15900 rs. moeda forte, ou 85000 reis e 45500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 9 DE MARÇO

A' Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 25 de Fevereiro, 1877.

A resposta do Santo Padre, sobre a futilidade—e peor do que isso, o grande prejuizo que a causa legitima soffre, com a ambição de certos individuos que preferem seus interesses pessoais, ou sua presumpção, aos conselhos e interesses evidentes da causa legitima,—dá-me particular prazer; por ter sido sempre a minha opinião e recommendação. Por não quererem seguir a certos individuos, ainda que era a da melhor gente e mais autorizada da communhão nacional ou Legitimista, como eram o Conde de Barbacena, D. João de Castello Branco, e Antonio de Sousa Pereira Coutinho (o homem que mais que ninguém ajudou a resuscitar a causa Legitimista—quando o Bemfornoso, que hoje quer ser o grande e unico oraculo do Legitimismo, estava ainda na massa dos possíveis), etc., causaram um prejuizo tão grande á mesma causa, que pôde dizer-se foi a morte d'ella, ou o maior golpe que soffreu depois de 1834.

A ida dos Solitarios Legitimistas á patiscada de S. Bento (em 1852 ou 53—(não tenho pachorra para ir agora verificá-lo), foi o maior golpe que se deu á causa Legitima, que lhe fez perder mais de noventa por cento. Appareceram as provas algum dia; mas elles mesmos o confessaram depois na Nação, já inutilmente!

A. R. SARAIVA.

A' Redacção do «Apostolo».

Londres, 17 de fevereiro, 1877.

I.—Em quanto nos paizes que fôram tão Catholicos, como Portugal, Hispanha, Brazil, etc., vemos, por influencia infame da maçonaria principalmente, desaparecer a olhos vistos o espirito, as práticas,

a influencia abençoada do Catholicismo—isto é, do verdadeiro Christianismo;—vemos o mesmo Catholicismo e suas praticas, irem ganhando cada dia mais e mais, em proporção ascendente, na Inglaterra, e nos Estados-Unidos—os paizes verdadeiramente classicos hoje da Liberdade verdadeira.

No lugar onde menos poderia imaginar-se, ainda ha poucos annos, que podesse penetrar influencia Catholica e devota; no centro mais afanoso e buliçoso dos interesses materiaes e grosseiros; perto da Torre de Londres (n'outro tempo theatro de atrocidades, prisão de martyres, patibulo de personagens, até de Rainhas), e hoje centro de movimento mercantil; de importações; exportações, embarques, desembarques, transportes, armazenagens, excedido em actividade por nenhum outro no mundo; ahi mesmo surge, como em silencio, um Sanctuario, uma bella Igreja Catholica, dedicada aos Martyres Inglezes; e com ella uma congregação de Religiosos!

Ahi tem ido prégar, em presença de congregações, e de numerosas personagens (muitas das quaes talvez nunca puseram antes os pés naquellas paragens), um Principe da Igreja, um Cardeal (ha menos de trinta annos ainda, clérigo e dignitario eminente no Protestantismo Anglicano); se tem visto reunidos, em solemne celebração, numerosos Bispos Catholicos, das dioceses neste paiz, canonica e regularmente replantadas, depois que a heresia, ha tres seculos, desterrara e aniquilara.

Que dirám a isto os Ganganellis, e a papalvada que os admira e segue? Prezagiam (supponho eu) asuamente a decadencia proxima da Inglaterra, que regressa, a olhos vistos, ao fanatismo Catholico, de que a immoralidade escandalosa e atroz de um voluptuario a separou! Pois aqui vai mais uma boa prova do augmento contagioso desse fanatismo; para vergonha de todos os Ganganellis (se a tal sentimento sam accessiveis animaes semelhantes); copio do Weekly Register de 10 do corrente:—

«Acaba de erigir-se um púlpito commemorativo em honra de Sir Thomaz Mo-

re na bella Igreja nova dos Martyres Inglezes em Toiver Hill. Deste púlpito prégará o primeiro sermão á missa solemne amanhã, domingo, o Rev.º Padre Clare, da Companhia de Jesus» (um distinctissimo prégador do convento aqui dos Jesuitas). «E' tão interessante a occasião em si mesma, que desejamos chamar attenção a ella, mesmo antes de ter lugar.

«Como obra de arte, este púlpito commemorativo é digno de ser mui attentamente examinado, e altamente acredita o escultor que o desenhou e o executou.

«Por outros motivos é objecto de particular interesse, é dádiva de uma Senhora, que deseja não se divulgue o seu nome. E' uma dos descendentes do grande e bom Chancellor que soffreu gloriosamente o martyrio á distancia de uma pedrada do lugar onde agora o púlpito se erigiu em memoria sua e honra.

«Monumento a homem tal em forma de um púlpito é particularmente apropriado; pois as doutrinas e principios que d'ora em diante ali serám advogados e prégados, fôram os que Sir Thomaz More prégo e sustentou por sua vida e morte, e dos quaes os seus escritos ham estado dando testemunho por 300 annos.

«Uma inscripção com as iniciaes da pessoa doante, recordará o facto, de que o monumento é erigido em memoria de seu illustre ascendente. Contamos porem, que, como desejamos e esperamos, e Deos o determinará, esta incripção tenha de ser alterada—mudando-se o nome para o de São Thomaz More, em vez de Sir Thomaz More, quando a Santa Igreja tenha pronunciado, não só a sua beatificação, mas a sua canonisação.

Eis ahi o artigo do Weekly Register; e quanto ao que diz deste nobre Martyr do brutal Henrique (o digno Patriarcha do Anglicanismo), para caracterizar a pureza e tranquillidade de consciencia com que soffreu o castigo injusto e o martyrio, basta a circumstancia bem conhecida da severidade com que, ao preparar-se o algoz a descarregar o golpe do largo machadão, quando o paciente já tinha o pescoço no cêpo, disse tranquillamente ao executador, que lhe arredasse a barba,

para não a cortar tambem, «pois que ella não tinha commettido traição».

(Cont. úia)

A. R. SARAIVA.

GAZETILHA

Lausperenne.—Expõe-se sabbado na real capella de Santa Cruz.

Solemidades religiosas.—Escrevem-nos da Ponte da Barca o seguinte: Tivemos este anno sermões de quaesma, que foram prégados pelo snr. padre Antonio Pedrosa, da villa dos Arcos.

O bom credito, que, como orador sagrado, gosa, ha muito, este ecclesiastico distincto a todos os respetos, não desmereceu em nada nestes sermões.

Quer na escolha do assumpto, quer no modo por que o desenvolveu sempre, o snr. Pedrosa foi felicissimo, captivando em todos os sermões, que fez, a attenção de um numero de escolhido auditorio, que avido o escutava.

—No domingo proximo temos a procissão de Passos, que, se o tempo o permittir, parece não estará má; pelo menos já se trabalha para ella, e asseveram-me que teremos tambem o gosto de ouvir um notavel orador, vindo de fóra.

—Consta-me, que para a solemidade da Semana Santa nos Arcos, irá cantar no côro uma mulher.

Não posso garantir a verdade da noticia, pois me dizem tambem, que s. ex.ª rev.ª não consente em tal, havendo não obstante quem affirme tambem, que o snr. arcepreste se compromettera a obter a licença.

Eu, que não tenho voto na materia, louvo o zeloso e sabio prelado, se persistir em sua resolução; pois já não faltam irreverencias nos templos, para que se dê motivo a mais algumas, e principalmente n'um côro, que, como o da egreja d'aquella villa, bem conhecido por mim, tanto se presta a ellas.

Premios da loteria.—Na loja do snr. Lourenço Marques d'Almeida, na rua das Flores n.º 112 a 114, Porto, vende-

A vida... a alma lhe saiu pelos labios: oh! sim, porque ella morreu beijando sua filha.

As almas de meus paes, antes de subir ao ceo, tinham passado por mim: a alma de meu pae pelos meus olhos; a de minha mãe pelos meus labios.

Como eu fiquei então?!... não se diz. Não se morre de dôr. Eu estava orfã.

Depois deixei de como uma flôr que se desabotôa.

IV

Era uma pobre orfã. Tinha começado a ser como a pomba que geme solitaria.

Chorei! chorei muito! quando não tive nos olhos mais lagrimas para chorar, chorei saudades no coração, choro-as ainda: mas resisti, e resisto, graças á educação que me deram meus paes.

Elles me ensinaram a ter fé e esperanza em Deus: ensinaram-me, na prosperidade, a ser christã: sou christã na desgraça.

Quem crê em Deus, chora, mas resiste.

Eu chorei, e resisti. Tenho esperanza de vêr ainda meus paes aos pés do Senhor Deus... Não sei quando será; mas espero.

Esta esperanza me anima: no entanto meu coração está sempre cheio de saudades, que não hão acabar nunca.

19

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

X

Uma hora de leitura.

HISTORIA DO MEU AMOR

III

Eu pois acabava de fazer treze annos: era ainda como a flôr que se desabotôa. Mas quando completei o terceiro lustro a morte esvoaçou ao redor de mim, e não me feriu, nem me matou... oh! eu mintu: matou-me duas vezes, porque de um só golpe me arrancou pae e mãe. Porque não fui eu que morri, meu Deus?... eu que nada era, que nada sou, que nada serei no mundo?... Eu, que n'esse tempo tinha sómente sorrisos para a vida, e que, apesar d'isso morreria sorrindo-me tambem; porque creio em Deus que me ha de salvar?...

Oh! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de receber duas solemnes bençãos de despedida lançadas pelas mãos já frias de meu pae e de minha mãe!

Oh!.. que hora tremenda foi essa, em que eu tive de partir em dous pedaços um adeus de agonía!...

Não se morre de dôr. Eu vi morrer a ambos elles... a meu pae e minha mãe: eu vi... e não morri então; eu os estou vendo... e não morro ainda.

Eu estava... tinham-me posto de joelhos junto ao leito de meu pae: era a hora terrivel.

Meu pae voltou o semblante para mim, e fitou os olhos no meu rosto...

Seus olhos brilhantes e pasmos pareciam querer saltar das orbitas sobre mim... oh!... se elle não fôra meu pae eu teria medo d'aquelle olhar.

Sua bocca se entre-abria... seus labios se moviam; mas ah! o desgraçado não podia fallar.

Olhou... esteve assim olhando muito tempo... muito tempo, até que... oh meu Deus!...

Duas lagrimas limpidas e brilhantes ficaram pendentes de suas palpebras... sua mão direita apertou o peito no lugar do coração, e... sempre olhando-me... sempre olhando-me, meu pae expirou.

A vida... a alma lhe saiu pelos olhos: oh! sim!.. porque elle morreu olhando para sua filha.

Lancei-me sobre o cadaver de meu pae:

arrancaram-me d'ahi; e sabeis para que?.. para vêr morrer minha mãe.

Pobre de minha infeliz mãe!.. não estava em si quando eu me ajoelhei junto d'ella, delirava.

Começou a brincar com os seus cabellos; passou depois os dedos sobre meus olhos, e sentindo-os molhados de minhas lagrimas, levou-os aos labios, sorveu as lagrimas de sua filha, dizendo:

—E' bem doce!.. é bem doce!..

Depois entrou a rir-se e a cantar: que rir! que cantar aquelle! até então eu não sabia que a morte tinha tambem seus risos e seus cantos.

Continou a rir-se e a cantar; a brincar com os meus cabellos, e a beber minhas lagrimas.

Houve um momento terrivel! um tremor subito e desesperado agitou convulsivamente todo o seu corpo...

Cessou de rir-se e de cantar: olhou-me... que olhar!.. era um adeus que se dizia por mil modos nos seus olhos.

Tinha talvez desaparecido o delirio, mas ella já não podia fallar.

Ouvi alguém, a poucos passos, dizer baixinho:—é chegada a hora:—oh! comprehendí tudo... soltei um grito.

Escutando esse grito, que me sahiu do coração, minha mãe agarrou com suas duas mãos a minha cabeça, e com força indisivel levantou-me, aproximou meu rosto ao d'ella, uniu meus labios aos seus, deu-me um longo e ardente beijo, e expirou.

ram-se na loteria de 2 de março os seguintes numeros, que foram premiados: 8210 com 3:000 pesetas ou 540\$000 reis.

Com 600 pesetas ou 108\$000 reis:— 2815—4757—5122—5124—8288—10214—10218—12084—15095—15116—18991.

Com 400 pesetas ou 74\$000 reis:— 6233—6979—11997—13276—15093—16438—19755.

Desordem e ferimento.—No dia 5 do corrente deu entrada no Hospital de S. Marcos, José da Costa, casado, da freguezia de Prado, o qual havia sido ferido com duas facadas, n'uma taverna d'aquella localidade, em a noite do dia 4.

Diz-se que os aggressores foram dois individuos que na mesma taverna se achavam, os quaes ainda não poderam ser capturados.

Assassinato.—No dia 26 do passado febreiro foi assassinado na freguezia de Bastuços, José da Silva Pandeiro, casado, trabalhador.

Os assassinos, que andam a monte, foram Manoel Joaquim de Real e o creado d'este, Manoel Vieira (o Rouco).

Este horroroso crime foi perpetrado junto á capellinha de S. João de Bastuços, na occasião em que a victima alli passava, voltando para casa depois de haver ceado em casa dos assassinos, na qual havia andado a podar.

Presumê-se que lhe dera causa uma denuncia que o infeliz trabalhador fizera á mãe de Manoel Joaquim de Real, a respeito de certas relações mantidas entre este e uma creada, que porisso tinha sido despedida de casa.

O tal Manoel Joaquim de Real consta ser filho do Rouco, e tem apenas 15 annos de idade!

As autoridades proseguem nas diligencias para descobrir o paradeiro dos infames criminosos.

Sinistros marítimos.—Em Dunquerque, na Havre e outros pontos das costas da França naufragaram nos ultimos dias 4 navios inglezes, 1 francez, 1 norueguez e 1 americano. Houve algumas victimas.

Os mestres-escolas na America.—Em New-York, o director d'uma escola que tem 500 alumnos, recebe um ordenado annual de 3:000\$000 reis; cada professor d'uma aula de 150 meninos, recebe 2:000\$000 reis e cada professora reis 700\$000 numeros redondos.

Naufragio e mortes.—Escrevem de Dunlee (Escocia), que um steamer, «Spitzbergen», indo de Caristiansand a Dundee, sossobrou em pleno mar no mez passado. Toda a tripulação, que se compunha de 22 homens, pereceu. Os objectos achados e os papeis de bordo foram recolhidos perto de Bergen (Noruega).

Caminho de ferro do Minho.—N'uma carta de Vianna do Castello, dão-se as seguintes noticias acerca do caminho de ferro do Minho:

«Em toda a linha do caminho de ferro pelo interior da cidade, e sobre o Lima,

se trabalha agora com o maior desenvolvimento. O grande aterro em Darque, que segue pelo rio dentro, e onde deve de ser lançada a ponte, vai muito adiantado.

Os trabalhos n'este ponto, que são muito importantes, avultam muito por serem feitos por meio de vapor. Consta-me que para o fim do corrente anno estará a linha completa, e será aberta á circulação desde Darque até S. Bento, podendo assim fazer-se, depois d'aquella epocha, a viagem para o Porto mais commodamente e em poucas horas.

No rio Lima, em frente da cidade, trabalha-se activamente na construcção da ponte, que, como v. sabe, será de dous taboleiros sobrepostos, e uma das obras mais importantes das nossas linhas ferreas. Por enquanto procede-se á collocação e enchimento com beton das camaras de trabalho sobre o leito do rio; nos sitios onde devem ser construidos os pilares da ponte, que, segundo as informações que tenho, serão oito. Este serviço, muito embaraçoso e complicado, é feito com toda a regularidade e presteza pelos empreiteiros, que são os mesmos que se acham encarregados da construcção da ponte sobre o Douro.

A nova ponte sobre o Lima fica lançada um pouco acima da actual, no fim da cerca do convento de S. Bento, uma parte da qual foi expropriada para a construcção de um grande viaduto n'aquelle local.

Para serviço do taboleiro superior da ponte, destinado á viação ordinaria, está-se construindo uma grande rampa no sitio de Gontim, que virá ligar a ponte com a cidade pela frente interior da igreja e convento de S. Bento.

Desde o Carino até á Areosa a linha está quasi toda em construcção, procedendo-se aos grandes movimentos de terra, que pela maior parte são conduzidos para o aterro de S. Bento, e ao quebramento dos grandes rochedos desde a Portella até áquella freguezia.

A linha ferrea hade atravessar a horta dos Cruzios, pertencente ao ministerio da guerra, e que fornece hortaliças e legumes á ala esquerda de infantaria 3 aqui estacionada, e consta-me que, apesar das successivas reclamações que tem sido feitas por parte dos respectivos engenheiros, d'aquelle ministerio ainda não baixou ordem para a entrega d'aquelle terreno ás obras do caminho de ferro.

Estas demoras injustificaveis são proprias do nosso systema de administração.

A imprensa no Japão.—Conta-se n'este paiz mais de cincoenta jornaes; só em Tokio se deparam mais de vinte. Esses jornaes são de uma extraordinaria variabilidade: ha-os sérios, humoristicos, illustrados, satyricos, dedicados exclusivamente ao bello sexo, etc., etc.

A creação d'estas folhas volantes realisou-se de uma fornada ha cousa de quatro ou cinco annos; até ali substituiam-se de algum modo por meio de pequenas

brochuras, que saiam a lume com toda a irregularidade e não apresentavam senão insignificancias. Hoje é precisamente o contrario: ha importantes gazetas quotidianas e hebdomadarias.

D'aquellas, as mais bem-quistas são: o «Nichinichi Shimbun», o «Choya Shimbun» e o «Nissin nissin chi Shimbun».

Quanto a preço varia entre 6 a 8 rios annuaes (4\$800 a 6\$400 rs.); a tiragem respectiva é de 9:500, 3:000, 3:500, 2:000 e 4:300 exemplares.

Estas folhas imprimem-se em papel europeu, com especialidade belga, e mediante as machinas em uso. Comtudo empregam-se ainda os caracteres de madeira e o papel japonez em algumas publicações.

Com referencia á dimensão dos jornaes, regula pelo custo; no entanto nenhum d'elles ainda os maiores, contém muita materia, em consequencia do grande espaço de que precisam os caracteres japonezes.

Jubileu episcopal de Pio IX.

—Um jornal de Roma, o «Bersagliere», diz que segundo as informações da commissão encarregada de dirigir o Jubileu episcopal de Pio IX, se esperam em Roma, por esse motivo, 300\$000 peregrinos, 90\$000 dos quaes, diz, se julga que vão de França.

Monsenhor Dupanloup vae tambem á capital da christandade, mas diz-se que a sua viagem tem unicamente por fim o adiantamento do processo de canonisação de Joanna d'Arc.

Governador civil.—Diz-se que o snr. marquez de Vallada será nomeado governador civil de Braga.

Saboa.—«L'Union Savoienne» annuncia uma nova peregrinação a Roma presidida pelos bispos de Maurinne e Tarantasia e por Monsenhor Gros, bispo resignatario de Tarantasia.

Congresso postal.—O Congresso postal, que devia reunir-se este outono em Paris, ficou adiado para 1878 a fim de coincidir com a exposição universal.

Nova firma commercial.—Os snrs. Lourenço Marques d'Almeida, Alberto de Sousa Pinto e Antonio Neves de Castro, do Porto, constituiram uma nova sociedade commercial sob a firma de Almeida, Pinto & Castro.

Os commissarios compram pelo menor preço possivel e remetem por conta de seus committentes, para as providencias d'este Reino e para o Brazil, todos e quaesquer artigos, ou generos nacionaes e estrangeiros, mediante amostras ou indicações precisas e claras da sua applicação, que acompanhem qualquer pedido.

Cingem-se igualmente a promover as compras aos preços, que pelos seus committentes lhes forem limitados.

Recebem tambem qualquer consignação, promovem e effectuam a sua venda, mas só depois da acceitação mutua das condições apresentadas na occasião da proposta.

Encarregam-se de despachar, carregar

e remetter todo e qualquer genero, cuja compra lhe seja incumbida, respeitando sempre tanto quanto possivel as prescripções dos seus committentes, relativas a empacotamento do genero e meio de transporte.

Venda de titulos.—Na Bolsa de Lisboa venderam-se no dia 5 os seguintes titulos.

15:300\$000 reis de inscripções de assentamento a 48,70.

3:700\$000 reis de ditos de dito a 48,55.

3:800\$000 reis de ditos de dito a 48,56.

3:000\$000 reis de ditos de dito a 48,60.

3:000\$000 reis de ditos de dito a 48,53.

5:000\$000 reis de ditos de dito a 48,81.

45:000\$000 reis de ditos de dito para o fim do mez a 48,80.

10 obrigações do emprestimo á cidade de Lisboa a 99\$000.

A agricultura em França.—A primeira fonte de riqueza d'um povo, a agricultura, está occupando n'este momento em França a attenção geral. Os agricultores, reunidos em Pariz, formam uma assembleia cuja importancia é facil de apreciar.

As vastas sommas accumuladas pelo commercio, industria e alta barca, são apenas uma haste de palha ao lado da massa de riquezas encerradas n'este termo geral; a agricultura. D'ella se pode dizer, como Lucrecia: *Terra parens omnium*, e basta mencionar oito dos onze assumptos inscriptos no programma dos agricultores para fazer uma ideia do alcance incomensuravel das questões que vão tractar; a agricultura propriamente dita, o gado, a viticultura, a sylvicultura, a horticultura, a sericicultura, as industrias agricolas e a producção cavallar.

Podese, pois, dizer que a assembleia que delibera presentemente no Grand-Hôtel, e onde figuram alguns dos maiores nomes de França, os grandes proprietarios e os gentis-homens do campo, é uma reunião d'élite e eminentemente nacional. E' um parlamento rural, uma verdadeira camara de senhores cujos discursos attingem por vezes a altura das discussões das assembleias legislativas... porque, cousa incrível! ha ainda individuos bastante atrasados para crerem que Cincinatos era maior conduzindo a charrua, que sentado na sua cadeira curul, e que persistem em pensar que estatuir sobre os meios de suspender o progresso do phylloxera é quasi tão importante como fazer legislação sobre o duelo!

Noticias de Lisboa.—O correspondente de Lisboa para o «Commercio do Porto» diz que o governo não tenciona adiar as camaras. As suas ideias são de fazer votar o orçamento da despeza, as emendas ao orçamento da receita e a proposta para a consolidação da divida fluctuante.

Esta proposta differe da do snr. An-

Eu pois sou agora como uma pomba que geme solitaria.

V

Passou-se um anno. Um anno de lagrimas é muito tempo: é um seculo.

Passou-se mais tempo ainda: chegou o dia de finados.

Fui rezar no tumulo de meus paes.

Rezavam lá...

Oh! se soubessem como um coração de filha agradece uma oração que se reza por seus paes!...

Rezavam lá!... uma mulher e um homem.

A mulher era uma velha que eu conhecia; o homem não... eu o vi então pela primeira vez.

Mas esse homem... a velha ergueu-se, e eu lancei-me de joelhos no mesmo lugar, que ella tinha occupado.

Fiquei junto d'esse homem que rezava por meus paes...

Oh! pela primeira vez, que nos encontramos na vida, nossos pensamentos se uniam, se misturavam, e subiam juntos ao ceo tão ignaes... tão parecidos, como dous irmãosinhos gemeos!...

Oh! nós não nos haviamos visto nunca, não nos tinhamos olhado ainda, e nossas almas se correspondiam já, fallando a linguagem do senhor... rezando.

Elle ergueu-se enfim... e fugiu. Eu senti que elle chorava e soluçava.

Eu não sabia se elle era moço ou velho, bonito ou feio, rico ou pobre... e comtudo desde esse momento eu amei esse homem.

Amei esse coração generoso, que se fôra ajoelhar junto ao tumulo de meus paes.

Esse homem amava portanto meus paes! Era pois meu irmão no amor, meu irmão nas lagrimas e nas orações; quero... devo amalo; o mais sagrado dos laços uniu-nos aos olhos de Deus e á face de um tumulo.

Eu o amo. Quem é elle?..

VI

Emfim já pude vê-lo de perto: veio visitar-nos acompanhando a velha Irias.

Elle é moço e pallido, é triste e modesto; é bello.

Parece que esconde no coração um grande tormento, que ninguém comprehendendo, e que elle abafa.

Pallido, triste, e silencioso sua figura tem um não sei que de gracioso e fantastico, que toca n'alma e faz arder a imaginação.

Se elle passa por diante de vós, sem querer vós vos lembraes da sombra de um ramo de palmeira, quando um ramo de palmeira em noite de claro luar é impellido por brandos favonios.

A's vezes fica pensativo horas inteiras; torna-se alheio a quanto se passa em torno d'elle...

E' bello vê-lo assim; parece que transportado contempla uma visão; ninguém lhe falla e elle se sorri... se entristece, se espanta... e murmura frases inintelligiveis como se estivesse conversando com algum ser invisivel.

Será um louco?... não: elle é um poeta; eu já sonhei que os poetas eram assim.

Eu gosto dos poetas.

Os poetas são homens que mal vivem n'este nosso mundo, e que são senhores de mil mundos; habitam um espaço entre o ceo e a terra, e fallam a lingua das aves e das flores, das montanhas e dos mares, dos fantasmas e dos anjos.

Os poetas são homens que sabem amar; os que não são poetas amam como todos, amam com esse amor commum que se vê todos os dias, que não tem nada de novo, que tem bem pouco de bello.

O amor dos poetas é um fogo que se não accende na terra, é um fogo como o do sol.

Os poetas são irmãos do sol; elles são os astros que illuminam o mundo como o sol illumina o espaço.

A luz que dardejiam os poetas e o sol vem da mesma fonte, é a mesma luz santa e pura; veio-lhes do ceo, saida dos olhos do Senhor Deus.

Eu amo os poetas.

VII

Elle chama-se Candido. Tem continuado a visitar-nos; frequen-

ta os serões do Ceo-côr-de-rosa, meu avô o estima e minha tia tambem.

Eu tenho por elle um sentimento tão doce... tão soçegado, que me parece que assim é que se ha de amar um irmão.

Quasi nunca se dirige a mim... não conversa commigo... parece que se esconde, que foge de todos os olhos; porque?...

Parece infeliz; gosto ainda mais d'elle porisso; a melancolia pôde tanto na minha alma!...

Um homem melancolico val mil vezes mais do que aquelle que vive rindo-se constantemente.

Eu tenho pena d'essa gente que anda rindo-se de continuo.

Esses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularisar tudo, são como insultos que a natureza faz á terra.

A tristeza d'aquelle mancebo tem alguma cousa de solemne; elle está triste porque soffre.

A's vezes de relance me olha... o seu olhar é então bem terno, e seus olhos quasi sempre amortecidos tem n'essas occasiões um fogo...

Desde que pela primeira vez o apañhei olhando-me assim, eu senti alguma cousa de novo em mim... eu correi: porque?... não será puerilidade córar por isso?...

(Continúa)

tonio de Serpa, pois pedirá authorisação para realizar o emprestimo quando o governo o julgar opportuno e nas melhores condições que forem possiveis.

O governo limitar-se-ha a continuar a construcção das obras encetadas nos caminhos de ferro, ficando portanto posto de lado o projecto do caminho de ferro da Beira Alta.

O governo não accieita a proposta do sr. Serpa para a reconstituição do Banco de Portugal.

Despachos.—O «Diario» n.º 49, de 3 do corrente publica:

Despachos: apresentando José Narcizo Leite e Mello de Vasconcellos, na igreja parochial de S. João Evangelista de Athães, do concelho de Villa Verde, diocese de Braga.

Antonio Joaquim de Goes, na igreja parochial de Santa Catharina de Quintos, do concelho e diocese de Beja.

João Ramos do Rozario; na igreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção de Villa Nova da Baronia, do concelho de Alvito, diocese de Beja.

Concedendo a regia permissoão aos presbyteros João Theotónio Louro, parochio collado na igreja de Nossa Senhora da Graça da Povoia e Meadas, e José Vicente da Costa, parochio collado na de S. Gregorio do Reguengo, da diocese de Portalegre, para entre si permutarem os respectivos beneficos.

Declarando sem effeito o decreto de 17 de fevereiro e carta regia de 12 de outubro do anno proximo findo pelos quaes se fizera mercê ao presbytero Bernardo Antunes dos Reis, parochio collado na igreja de Santa Maria de Covas, diocese de Braga, da apresentação na igreja parochial de S. João Evangelista de Athães, da mesma diocese.

Apresentação.—Foram apresentados os seguintes presbyteros.

Na Igreja parochial de Santa Suzana da Carapinheira, diocese de Coimbra, o presbytero Manoel Ferreira Pessoa, que era parochio collado na igreja de Santa Eulalia de Ferreira a Nova; na igreja parochial de S. João Baptista de Gaffete, diocese de Lisboa, o presbytero Manoel Martins; na igreja parochial de S. Lourenço da cidade de Lisboa, o presbytero Justino Teixeira Guedes, que era parochio collado na igreja de S. Barthomeu de Xabregas.

Inauguração do caminho de ferro de Bougado.—Na quinta-feira, á meia hora depois do meio dia, reuniram-se na estação de Campanhã as pessoas convidadas pela empresa constructora do caminho de ferro de Bougado representada pelo sr. Galwey, para assistirem a esta inauguração. O sr. director do caminho de ferro do Minho poz á disposição dos convidados um trem especial, que os levou a Louzada, onde entronca a linha ferrea de Bougado com a do Minho e ali se reuniram com outras pessoas convidadas, que vieram de Santo Thyrso.

O trem chegou a Louzada á 1 hora e meia da tarde.

Proximo da linha estava levantado um grande pavilhão, onde se serviu aos convidados, em numero de 26 um profuso lunch, depois de se terem examinado os trabalhos de construcção.

Assistiram a esta inauguração os snrs. Mattos, director do caminho de ferro do Minho, Antonio Maria Kopke de Carvalho, Alípio Pacheco, Simões de Carvalho e outros engenheiros do caminho de ferro do Minho e do Douro, o sr. Victoria, director das obras publicas, presidente da camara municipal e delegado do procurador regio em Santo Thyrso, o sr. Galwey, engenheiro representante da empresa constructora, os directores e secretario da companhia, os snrs. visconde da Ermida, Julio Lourenço Pinto e E. Moser, diversos cavalheiros do concelho de Santo Thyrso e outras pessoas, cujos nomes ignoramos.

Houve a maior alegria e animação, e fizeram-se muitos brindes que revelavam a mais viva satisfação por ter renascido a esperança de ver realisado um melhoramento tão importante.

Entre outros mencionaremos que se fizeram bindes ao chefe do Estado, aos ministros, á prosperidade dos povos que a nova linha vai beneficiar, á da empresa, á da Companhia, etc, etc.

Foi um dia passado agradavelmente, para o que contribuiu a amenidade do tempo e a affabilidade do sr. Galwey, que ás 5 horas e um quarto da tarde se separou na estação do Pinheiro dos cavalheiros que a seu convite tinham as-

sistido a esta festa do progresso, recebendo de todos inequivocas provas de sympathia e reconhecimento.

Os trabalhos de construcção vão ter grande desenvolvimento e em quatro mezes deve estar concluida a primeira secção até Santo Thyrso, diz um collega do Porto.

Portuguezes fallecidos.—Desde 10 a 15 de fevereiro, falleceram no Rio Janeiro os seguintes subditos portuguezes:

Domingos José da Silva, 15 a., s.; Delfina Rosa de Boaventura, 32 a., c.; Manoel José Guimarães, 50 a., v.; Antonio Francisco Guimarães, 40 a., c.; Julia de Jesus Martins, 25 a., c.; Maria Izabel do Amaral, 30 a., c.; Justina Cunha Santos, 52 a., s.; Maria Joaquina, 23 a., c.; Francisco Barcellos, 38 a., c.; Anna Miquelina, 68 a., s.; Maria Francisca do Coração de Jesus, 42 a., v.; Joaquina Tavares Villar, 23 a., s.; José Joaquim de Macedo, 56 a., s.; Antonio Soares de Almeida, 26 a., s.; Avelino Antonio Soares Sarmiento, 33 a., s.; Maria Ferreira da Silva Figueiredo, 35 a., c.; Francisco José de Passos, 57 a., v.; e José de Medeiros, 23 a., s.

A caridade publica.—Recomendamos ás almas bemfazejas uma pobre mulher de 80 annos de idade, que se acha doente e sem meios de subsistencia, para que a soccorram com uma esmola pelo divino amor de Deus.

Mora na rua de S. Gonçalo n.º 41.

EXPEDIENTE

DA

ADMINISTRAÇÃO.

Vão abaixo publicados os nomes d'aquelles nossos assignantes que tão cavalheirosamente nos teem coadjuvado, dignando-se enviar-nos o importe das suas assignaturas. A todos os nossos cordeaes agradecimentos.

Pedimos aos que ainda se acham em debito o favor de saldarem contas com a administração d'este jornal; e aos que não queiram cumprir esse dever, rogamos, que ao menos nos devolvam os jornaes, indicando por qualquer modo aquelle proposito.

Eis-aqui os nomes dos cavalheiros que teem pago a assignatura:

Lisboa.—Ex.^{mo} e revd.^{mo} sr. bispo commissario da Bulla da Cruzada, até 30 de junho de 1878.

Coimbra.—Ex.^{mo} e revd.^{mo} sr. dr. Antonio Bernardino de Menezes, até 15 de outubro de 1877.

Coura.—Padre João Luiz Ribeiro, até 31 de dezembro de 1877.

Espozende.—Padre José Antonio Ribeiro Lima, até 31 de dezembro de 1877.

Bahia.—Antonio d'Assenção de Sousa Menezes, até 31 de dezembro de 1876.

Penedo.—Padre Joaquim Vieira Borges, até 25 d'agosto de 1877.

Guimarães.—Revd.^o arcepreste, até 30 de junho de 1877.

Famalicão.—Revd.^o abbade de Pedome, até 30 de junho de 1877.

Villa Verde.—João Antonio Rodrigues de Azevedo Coutinho, até 31 de dezembro de 1876.

Barcellos.—Padre Valentim Augusto Ferreira, até 31 de dezembro de 1876.

Taipas.—Joaquim José Fernandes, até 30 de junho de 1877.

Ponte do Lima.—Padre José Antonio Pereira de Miranda, até 31 de dezembro de 1877.

Prado.—Manoel José Ferreira, até 22 de maio de 1877.

Villa Verde.—Revd.^o abbade de Pedregaes, até 30 de junho de 1877.

Barcellos.—Reitor de Villar de Frades, até 30 de junho de 1877.

Coimbra.—Bernardo José Fernandes Braga, até 30 d'agosto de 1877.

Cabeceiras.—Revd.^o Francisco Falcão, até 31 de julho de 1877.

Taipas.—Revd.^o Luiz de Barros Magalhães, até 13 de fevereiro de 1878.

Os nossos assignantes das Ilhas Adjacentes, podem pagar suas assignaturas ao nosso correspondente em S. Miguel, o sr. Albino Augusto Pessoa.

Lisboa, o sr. Alfredo Valladim.

Covilhã, o sr. Luiz Antonio de Carvalho

Porto, o sr. Carlos das Neves & Sobrihos—rua das Flores.

Vianna do Castello, o sr. Francisco José d'Araujo Junior.

Guimarães, o sr. José Antonio Teixeira de Freitas—Livraria Internacional, a S. Damaso.

BANCO DO MINHO

Resumo do Activo e Passivo em 28 de Fevereiro de 1877.

Activo

Caixa: existencia em metal.	124:026\$291
Agencias no paiz: Saldo devedor em metal.	100:763\$589
Arca dos Orfãos	26:098\$665
Papeis de credito.	65:241\$453
Ações de c. propria	64:800\$000
Hypotheças de raiz	124:625\$080
Emprestimo sobre penhores	5:411\$960
Letras descontadas	447:860\$218
Letras a receber	2:499\$356
Letras em liquidação.	58:215\$987
Letras falsas.	1:850\$000
Contas em liquidação.	70:074\$887
Saques e remessas de n. c.	152:578\$380
Saques e remessas das agencias	26:142\$269
Agencias no estrangeiro.	67:647\$761
Contas correntes garantidas	707:976\$931
Outras contas correntes.	40:758\$104
Generos recebidos por c. de penhores.	15:159\$960
Edifício do Banco.	28:266\$299
	2.129:997\$190

Passivo

Capital	600:000\$000
Fundo de reserva.	153:000\$000
Reserva para decima.	4:099\$717
Notas em circulação.	720\$000
Depositantes á ordem.	11 278\$470
Ditos em conta corrente.	85:905\$138
Depositos a praso.	953:360\$575
Dividendos a pagar	2:015\$160
Credores diversos	115:740\$582
Agencias no estrangeiro	25:980\$828
Agencias no paiz	20:067\$279
Saques e remessas de n. c.	11:075\$795
Saques e remessas das agencias:	76:948\$999
Cofre dos Orfãos	26:098\$665
Deposito publico	26:449\$253
Lucros suspensos	6:049\$218
Ganhos e perdas	9:207\$511
	2.129:997\$190

Braga, Banco do Minho 2 de Março de 1877.

OS GERENTES.

Manoel Simões Braga.
Manoel Luiz Ferreira Braga.

BANCO COMMERCIAL DE BRAGA.

Resumo do balanço do Banco Commercial de Braga em 28 de fevereiro de 1877.

Activo

Ações, prestações a receber	4:695\$000
Dinheiro em caixa.	41:238\$206
Idem na agencia de Lisboa.	8:756\$460
Letras em carteira.	302:598\$973
Emprestimo sobre penhores.	113:551\$700
Contas correntes com garantia.	1.122:690\$693
Agentes no paiz.	151:331\$779
Ditos no estrangeiro.	34:935\$980
Papeis de credito.	331:172\$280
Diversos devedores.	263 830\$102
Moveis e utensilios.	1:722\$625
	2.376:533\$800

Passivo

Capital.	1.000:000\$000
Obrigações.	1.030:995\$638
Depositantes.	51:241\$890
Agentes no estrangeiro.	7:403\$499
Diversos credores.	110:589\$350
Letras em deposito.	24:600\$065
Letras a pagar.	74:972\$854
Notas em circulação.	485\$000
Fundo de reserva.	50:000\$000
Dito para prejuizos eventuaes	3:000\$000
Dividendos a pagar.	1:691\$860
Lucros suspensos.	10:700\$000
Ganhos e perdas.	10:853\$644
	2.376:533\$800

Braga 5 de março de 1877.

Os Directores

Luiz Antonio da Costa Braga.
Manoel José da Costa Guimarães.

BANCO DA COVILHÃ.

Balanço em 28 de Fevereiro de 1877.

Activo

Accionistas.	1.000\$000
Letras descontadas e a receber	360:780\$169
Efeitos depositados	12:000\$000
Agencias no paiz.	31:537\$057
Ditas no estrangeiro.	13:216\$319
Emprestimos s. penhores.	163:630\$315
Ditos em c. c. com caução	258:812\$160
Devedores geraes.	17:325\$802
Caixa	18 208\$097
Papeis de credito.	8:027\$810
Mobilia e utensilios.	1:937\$159
Despezas d'installação	2:658\$815
Contas interinas.	105\$228
	889:238\$921

Passivo

Capital	750:000\$000
Fundo de reserva.	4:777\$265
Fundo para o edificio do Banco.	500\$000
Devidendos a pagar.	10:150\$500
Depositos á ordem	14:504\$568
Ditos a praso.	90:374\$025
Credores d'effeitos depositados.	12:000\$000
Devedores e credores.	511\$526
Letras a pagar.	90\$000
Ganhos e perdas	6:331\$937
	889:238\$921

Covilhã 28 de Fevereiro de 1877.

Os Directores

A. Baptista A. Leitão.
J. d'Amorim Vaz de Carvalho.

COSMORAMA

Rua da Misericordia.

Continúa exposto ao publico desde as 6 horas da tarde até ás 11 da noite, um lindo cosmorama, onde os espectadores encontrarão quasi todos os dias novas vistas e de magnifico effeito.

Tambem se acha exposta uma **MACHINA FALLANTE**, parodia á machina fallante de Mr. Fabre, cuja exhibição tem attrahido muito a attenção do publico.

CIRCO EQUESTRE

Na Cerca dos Congregados

DOMINGO, 11 DE MARÇO

Beneficio do sr. Frederico Arsens

O beneficiado fará os seus difficultosos trabalhos na corda tirante, e na mesma

A passagem d'um velocipede.

A marcha triumphal d'uma vitella por cima da corda,

coisa mais extraordinaria até hoje vista.

Haverá dois premios: um relógio de prata (novo), que foi offerecido ao beneficiado; e um galo da Turquia, côr de rosa. O sorteio será feito na plateia.

ANNUNCIOS

A BORBOLETA

A Empresa d'este semanario declara aos seus assignantes, que, em virtude de ter mudado de administração, o n.º correspondente ao domingo, 11, só poderá ser distribuido no meio da semana seguinte.

O Director economico,

Sousa Arantes.

LETRAS INUTILISADAS

Trocarn-se na Tabacaria Bracarense,

27—Rua do Souto—27

(140)

